

As Bolas Paradas no Futebol Jovem – A opinião dos treinadores

Nuno Loureiro^{1*}; Eduardo Teixeira¹; João Paulo Costa¹; João Prudente²; Pedro Sequeira¹

¹Escola Superior de Desporto de Rio Maior; ²Universidade da Madeira

Palavras-chave

Entrevista;
Treinadores
futebol;
Bolas paradas;
Futebol Jovem.

RESUMO

As bolas paradas têm ganho importância no futebol nas últimas décadas devido à sua influência no resultado final dos jogos. No entanto no futebol jovem ainda são poucos os estudos neste âmbito. O objetivo deste estudo foi auscultar a opinião dos treinadores acerca da importância das bolas paradas no futebol jovem, nomeadamente as diferenças relativamente ao futebol profissional, os exercícios utilizados no treino, a importância do lado estratégico e como potenciar o aparecimento de especialistas nestes lances. Foram entrevistados seis treinadores com experiência na primeira liga portuguesa de futebol, tendo sido utilizada a entrevista semi-estruturada como instrumento de recolha de dados. A análise e interpretação do conteúdo das entrevistas permitiu identificar que os treinadores consideram que o treino destes lances no futebol jovem deve ter características diferentes do futebol profissional, que os exercícios de treino no futebol jovem devam ser direcionados para a aprendizagem do jogo e dos seus princípios. Quanto ao lado estratégico indicaram que é mais relevante nos escalões mais avançados e nas competições nacionais. Para a potenciação do talento existe a necessidade de maior volume de treino destes lances específicos e também treino individual.

KEYWORDS

Football coaches;
Interview;
Set Plays;
Youth football.

ABSTRACT

The set plays have been gaining importance in football in recent decades due its influence on the final outcome of the game however in youth football are few studies in this area. The purpose was to understand the opinion of the coaches about the importance of set plays in youth football, including differences relating to professional football, the exercises used in training, the importance of the strategic side and as foster the emergence of specialists in these plays. Six coaches with experience in the Portuguese football league were interviewed and a semi-structured interview was used as tool for data collection. The analysis and interpretation of the content of the interviews identified that the coaches feel that training set plays in youth football should have different characteristics of professional football, the training exercises in youth football should be directed to learning the game and its principles. And strategic side indicated that it is more relevant in more advanced levels and national competitions. For potentiation of talent there is needed a greater training volume of these specific set plays and also individual coaching.

*Correspondência -

Nuno Loureiro – Rua Fausta Sequeira Nobre, nº3, 1º Dtº, 2040-365 Rio Maior -
nunoloureiro@esdrm.ipsantarem.pt

INTRODUÇÃO

As bolas paradas têm ganho importância no futebol nas últimas décadas (Carling, Williams & Reilly, 2005) e a sua influência no resultado final dos jogos tem sido demonstrada (Cunha, 2007; Grant, 2000). O estudo das bolas paradas na competição tem apresentado desenvolvimentos acentuados nos últimos anos, fruto de diferentes investigações realizadas com diferentes objetivos (Armatas & Pollard, 2012; Bessa, 2010; Borrás & Baranda, 2005; Casanova, 2009; Baranda & Lopez-Riquelme, 2012; Esteves, 2011; Grant & Williams, 1998).

Tendo ganho importância no futebol atual, o treino das bolas paradas é essencial (Herraez, 2003), sendo considerado mesmo um dos mais importantes aspetos, do dia-a-dia do treino, na vida dos treinadores de futebol moderno (Dunn, 2009). No entanto, e apesar de todos terem uma vaga ideia sobre o tipo de atividades desenvolvidas pelo treinador, mesmo entre quem se dedica ao treino, esta atividade é, por vezes, entendida de uma forma muito redutora, pois mesmo com o avanço da ciência, não existem passos claramente descritos, que garantam o sucesso no treino (Sarmiento, 2012). Ou seja, ainda parece ser desconhecida a forma como é aplicada na prática o que é referido pelas teorias da literatura científica (Silva, Castelo, & Santos, 2011).

Alguns estudos abordaram o treinador sobre a análise do jogo (Silva et al., 2011), pois as bolas paradas são consideradas um dos eixos da análise do jogo com um maior foco de interesse nos últimos anos (Carling, Williams, & Reilly, 2005; Castelo, 1996), tendo existido a necessidade de aferir junto dos treinadores a sua importância nessa área específica, tendo sido afirmado por mais de 80% dos treinadores, que a análise das bolas paradas ofensivas e defensivas das equipas adversárias é muito importante. Num estudo idêntico realizado com treinadores portugueses, mas ao nível do planeamento e periodização do treino (Santos, Castelo, & Silva, 2011), os treinadores apontaram que a definição das bolas paradas no seu modelo de jogo está sempre presente, pois é um momento importante no jogo.

Apesar de os treinadores darem importância às bolas paradas no jogo (Sarmiento, 2012), à sua observação no adversário (Silva et al., 2011; Ventura, 2011) e à sua treinabilidade (Bessa, 2009), da revisão da literatura efetuada, não foi encontrado nenhum estudo, onde claramente os treinadores indicassem quais os aspetos mais importantes no treino das bolas paradas, nomeadamente quais as principais bolas paradas a treinar, como e em que momentos da época e/ou microciclo, pelo que se pode constatar que são poucos os estudos que se centram na caracterização do pensamento do treinador acerca da observação do jogo e na sua intervenção perante a

informação que é recolhida (Sarmiento, 2012; Silva, 2006; Ventura, 2011).

Com o objetivo de aumentar o conhecimento sobre os fenómenos desportivos, os investigadores têm vindo a utilizar cada vez mais métodos qualitativos, tendo estes atualmente cada vez mais credibilidade (Munroe-Chandler, 2005), o que é observável pelo aumento do número de estudos efetuados especificamente no futebol, utilizando esta metodologia (Cerqueira, 2010; Sarmiento, 2012; Silva, 2006; Ventura, 2011) sendo que Araújo, Cruz e Almeida (2010), referem que a entrevista é um instrumento no estudo da excelência em diferentes contextos de realização, nomeadamente no desporto. Com a possibilidade de usar a entrevista, como método qualitativo, e o recurso a treinadores, como fonte de informação privilegiada e com excelentes competências ao nível da aplicação da ciência, este estudo pretende aprofundar a temática das bolas paradas de forma sistematizada, utilizando todo o entendimento que os treinadores têm acerca dela.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram no estudo seis treinadores com os seguintes critérios de escolha: i) ser treinador principal ou adjunto numa equipa da I Liga Portuguesa e estar a treinar no momento da entrevista; ii) possuir o curso de treinador, nível IV UEFA PRO.

Instrumentos

Para este estudo a opção metodológica recaiu na utilização de uma entrevista semiestruturada, sendo que este tipo de entrevista é o mais utilizado na investigação em ciências sociais (Araújo, Cruz, & Almeida, 2010) e o que melhor respondia aos objetivos do trabalho (Vala, 2007).

No processo de construção, validação e aplicação do guião da entrevista foram respeitadas as seguintes etapas (Gomes, 2007; Pereira, Mesquita, & Graça, 2009): i) Pesquisa sobre o marco teórico de referência; ii) Elaboração a primeira versão da entrevista; iii) Validação da entrevista com recurso a painel de especialistas; iv) Elaboração da versão final da entrevista; v) Realização de um estudo piloto.

Procedimentos

As entrevistas foram gravadas em locais diversos de acordo com a disponibilidade do treinador, tendo existido o cuidado de cumprir os critérios básicos de uniformidade na utilização do guião referidos na

literatura (Gomes, 2007; Olabuénaga, 2003). As entrevistas foram todas transcritas a posteriori pelo investigador que as efetuou.

Tratamento e categorização

Tendo-se recolhido os dados efetuou-se a análise e tratamento dos mesmos, recorrendo à análise de conteúdo (Bardin, 2008; Olabuénaga, 2003; Pereira & Leitão, 2007),

A análise de conteúdo utilizada foi do tipo heurístico e confirmatória, tendo o sistema categorial sido construído a priori e a posteriori (Bardin, 2008).

O processo de categorização possibilita agrupar dados com significados comuns e compreende uma transformação operada dos dados em bruto do texto, através de regras precisas, que, por recorte, agregação, enumeração e classificação, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão (Bardin, 2008; Pereira & Leitão, 2007).

De acordo com os objetivos do estudo foram identificados dois tipos de unidades de análise (Bardin, 2008; Pereira & Leitão, 2007): i) a unidade de registo considerada para análise foi de natureza temática - unidade semântica de registo; ii) a unidade de enumeração foi do tipo aritmética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista efetuada pretendeu entender o modo como as bolas paradas devem ser treinadas no futebol jovem, tendo sido dividida em cinco partes, a primeira para perceber se deviam ter as mesmas características do futebol profissional, a segunda para compreender os exercícios que devem ser utilizados no treino dos jovens, a terceira para saber qual das fases do jogo se deve dar maior ênfase no futebol jovem, a quarta para saber se o lado estratégico das bolas paradas deve ser treinado nos escalões de formação e, por último, como potenciar o aparecimento de especialistas nas bolas paradas.

Da análise da figura 1, verifica-se que os treinadores foram unânimes em considerar que o treino das bolas paradas no futebol jovem deve ter características diferentes do futebol profissional, realçando ainda que devem existir diferenças nos conteúdos a treinar nos diferentes escalões etários.

Esta opinião é sustentada pela literatura (Garganta, 2002; Melo, Paoli, & Silva, 2007; Oliveira, 2013; Praça, Abras, & Abreu, 2012), que indica que o treino nos escalões mais jovens deve ser ajustado às capacidades dos jovens e que deve seguir uma lógica pedagógica de modo a promover aprendizagens e ser estimulante para os atletas.

Eu acho que no futebol jovem, o grau de complexidade que podemos dar às bolas paradas tem de ser relativo, naturalmente que a partir dos 14, 15 anos acho que pode haver uma componente estratégica a partir do momento em que há competição (...) não podemos fazer a mesma coisa nos infantis como (...) o que se faz nos seniores, provavelmente não podemos fazer nos iniciados o que se faz nos seniores, mas quem sabe nos juvenis já podemos fazê-lo... (Treinador 1)

Na opinião dos treinadores as diferenças entre futebol profissional e jovem implicam que os exercícios de treino no futebol jovem devam ser direcionados para a aprendizagem do jogo, dos seus princípios ou seja, devem ser direcionados para o modelo de jogo e o treino de bolas paradas deve ser através de exercícios mais simples. Melo et al. (2007) destacam também estas duas preocupações no que se refere ao treino das bolas paradas nos escalões mais jovens, indicando que os jovens jogadores devem conhecer um padrão de jogo e que os exercícios de treino de bola parada devem ocorrer de modo sistematizado, do mais simples para o mais complexo.

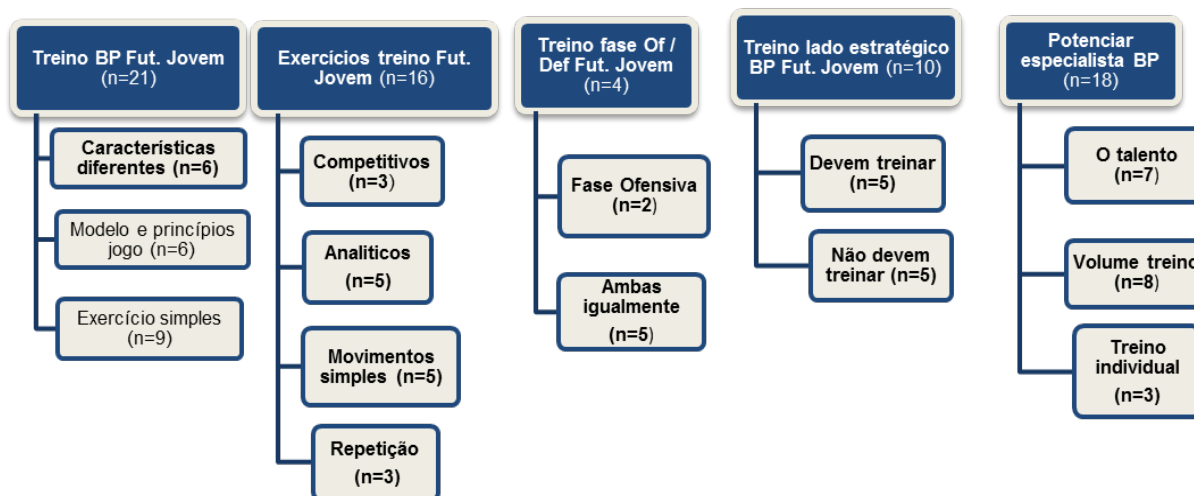


Figura 1 - As bolas paradas no futebol jovem, as categorias e unidades analisadas

Bolas paradas são importantes, devem ser trabalhadas, mas sem que isso choque com o desenvolvimento natural do jogador e portanto ele tem de aprender primeiro, não vale a pena, os jogadores ter uma série de cantos super elaborados, fazer ali trinta por uma linha, mas depois ele vai para o jogo e não sabe posicionar, ele não sabe onde tem de fazer um desequilíbrio, não sabe fazer a recepção de um passe, não sabe onde tem de colocar uma bola, quer dizer não sabe fazer um dois contra um, quer dizer, as coisas mais simples, mas mais bonitas que o jogo tem e que hoje dá-me impressão que as pessoas na formação esqueceram muito isso, dá-me a entender que o futebol tem evoluído e de tal maneira, que na formação quer-se evoluir também... (Treinador 5)

Quando se referem a exercícios mais simples, os treinadores pretendem destacar os posicionamentos, as movimentações de base que necessitam de ser aprendidas nos escalões mais jovens, para posteriormente no futebol profissional poder haver uma maior complexidade.

Então estas coisas têm de ser ajustadas, primeiro as coisas mais simples e depois chegar, se a evolução for significativa e eles conseguirem automatizar essas ações mais simples, e quando digo a simplicidade tem a ver com a execução, tem a ver com os movimentos, tem a ver com o posicionamento básico, e a partir daí depois conseguir dar outra componente de maior complexidade, mas sempre, sempre, devem ser sempre ajustados aquilo que é. (Treinador 1)

Como digo, há aqui diferenças, formas de ver o jogo, diferentes formas de entender o jogo, diferentes formas de execução, de capacidade de execução, e quando não se compreende bem o jogo, a complexidade tem que ser menor. A complexidade de um esquema tático de um jovem tem que ser muito menor, tem que ter questões mais simples, a variabilidade dos esquemas táticos tem que ser muito menor... (Treinador 3)

Relativamente aos exercícios que se devem utilizar no futebol jovem, para o treino das bolas paradas, os treinadores referiram exercícios jogados e exercícios analíticos, com menor destaque nos exercícios analíticos, o que é consensual com a tendência atual. A corroborar a opinião dos treinadores e tendência ao nível do treino, Praça et al. (2012), no estudo efetuado com diferentes escalões e equipas, concluíram que as metodologias baseadas em formas jogadas (modelos tático-situacionais) apresentam

melhores resultados na melhoria das capacidades táticas dos jogadores, quando comparadas com metodologias tradicionais, nomeadamente a analítica.

E cada vez o futebol é mais específico, ... tem a ver com aquilo que é a essência do jogo, mas os esquemas táticos, não tenho dúvida nenhuma, que têm essa nuance. (...) as duas têm sentido, analítico, eu acho que não há, não há nenhum treinador que não tenha trabalho analítico. (Treinador 3)

Acho que deve ser menos isolado, mais em situações jogadas. Mais esquemas táticos em situação de jogo, repetir esquemas táticos em situação de jogo e depois trabalhá-los, fundamentalmente, ao nível dos princípios e de certas movimentações... (Treinador 2)

Ainda nos exercícios, os treinadores referiram duas características que se devem ter em consideração na elaboração dos exercícios de bolas paradas no futebol jovem, a simplicidade e a repetição, ou seja aumentar o volume deste tipo de treino. Estas duas características, parecem ser importantes no treino das bolas paradas, sendo que para o futebol jovem, Melo et al. (2007) tenham indicado que se deve dar maior volume de treino destes lances nos escalões jovens, tendo em consideração a capacidade dos jogadores.

Com movimentos simples conseguir que eles o consigam perceber, com rotatividade, quem está à frente aparece no segundo, quem está no meio aparece no primeiro, portanto a mesma coisa para os livres, conseguir criar diferenças entre um e outro... (Treinador 6)

Agora, o número reduzido de jogadores pode ser uma forma, enquanto uns estão a fazer uma determinada tarefa, outros podem estar a fazer outra. A redução do espaço pode ser outra, quer é para facilitar o batimento, quer para facilitar a ação... e portanto, o grau de complexidade é outro que deve ser facilitado e são estes mecanismos que, e são ferramentas que o treinador deve utilizar para, para trabalhar estas situações... (Treinador 1)

Relativamente à repetição ou maior volume de treino destes lances, o que os treinadores pretenderam reforçar foi a necessidade de aumentar o volume de treino das bolas paradas, mas não necessariamente em exercícios analíticos e estáticos, mas principalmente através de formas jogadas.

Repare, se nós temos uma perspectiva de volume de treino do jovem e repetição, o nível de complexidade e de espaço tem que

ser menor, deve ser menor, aliás as competições já começam a ser ajustadas, futebol 7, futebol de 8, futebol 9, ou seja, nós podemos dentro do treino, ajustar o número de jogadores e o espaço de forma a tentar rentabilizar uma ação, uma ação técnica ou uma ação coletiva e que seja repetida mais vezes (...) Agora, não podemos é correr o risco de deixar os jogadores demasiado tempo parados à conta de uma situação de bola parada, é importante criar uma dinâmica de forma a que eles percebam, eles executem, repitam e vão entendendo e interiorizando aquilo que é a ação ofensiva ou defensiva a trabalhar... (Treinador 1)

A primeira repetição, considerar a repetição, considerar o movimento, repetir, repetir, repetir uma equipa a atacar outra defende, repetição, o que é que acontece, a repetição cria desmotivação, por norma, então vamos juntar isso a alguma coisa que dê estímulo, e esse é o nosso trabalho enquanto técnicos, não é... (Treinador 6)

Na questão sobre se o treino das bolas paradas no futebol jovem devia incidir mais sobre a fase ofensiva ou defensiva, os treinadores deram dois tipos de resposta, que deviam ser em ambas, igualmente, ou com mais ênfase na fase ofensiva. Preferencialmente referiram que deve ser treinada em ambas, igualmente, pois ambas são importantes, pelo que devem ser treinadas com igual percentagem no treino. Na literatura, não foi encontrada nenhuma referência específica sobre este indicador; no entanto, alguns autores (Castelo, 2009; Garganta, 2002; Herraes, 2003; Melo et al., 2007) quando abordam as questões relacionadas com o treino das bolas, tentam evidenciar a importância de ambas as fases, dando a noção de uma importância igual entre as fases, mas quando se olha especificamente para o conteúdo de treino este é sempre mais concreto e em maior quantidade para a fase ofensiva do que para a defensiva. Isto pode significar que a fase ofensiva deva ser mais treinada, nem que seja pelo simples facto de necessitar ter mais tempo de treino, pois é mais específica, com maior destaque na componente individual deste tipo de treino.

Penso que as duas, porque não? O jogo tem as duas fases. (Treinador 3)

Eu acho que devem ser dados de igual forma, o que pode ser ajustado em função daquilo que é poder entrar um bocadinho na componente estratégica. (Treinador 1)

Contudo houve treinadores que realçaram que se deve dar mais ênfase à fase ofensiva, pois é a fase mais motivadora do jogo, pelo facto de ser a fase onde se podem marcar golos.

“Ofensiva, ofensiva, sim. Ofensiva, porque, porque é a mais importante para marcar golos...” (Treinador 2)

“...e tivesse que treinar, ofensivo porque ofensivo, conseguir o objetivo do golo, motivação para, para continuar, motivação para um dia, se chegarem a ser jogadores de eleição.” (Treinador 4)

A questão sobre se o treino das bolas paradas no futebol jovem devia valorizar e ter em consideração o adversário, dividiu os treinadores, sendo que neste particular tiveram o cuidado de referir que o cuidado com o lado estratégico das bolas paradas devia aparecer principalmente nos escalões mais avançados e nas competições nacionais, pois em escalões mais baixos não deve ser essa a preocupação.

Eu penso que a componente estratégica do jogo não pode ser realizada em escalões muito, muito jovens. Digamos que nós podíamos dividir aqui os escalões jovens em três grupos, um grupo entre escolinhas e infantis, ou escolinhas e iniciados de primeiro ano, um segundo grupo entre iniciados e juvenis, e um, e um grupo para cima que já é futebol profissional (...) Porque os juniores, na minha perspectiva já têm que ter uma perspectiva profissional. E a componente estratégica do jogo tem de começar aos 14, 15 anos, ou seja, é a fase, mais no futebol de onze, não só no futebol de onze, mas também o nível de maturação, dá-se um salto. E portanto, como iniciado de segundo ano, juvenil de primeiro, a componente estratégica já pode ser introduzida (Treinador 1)

Nas camadas jovens, na maioria das camadas jovens de 14, 15 anos para baixo, aquilo não é regular, umas vezes sai bem outras vezes sai mal, umas vezes sai uma coisa, outras vezes sai outra, umas vezes aquilo nem é treinado. Pá para quê, estarmos a adaptar, a gente já faz, é que a gente às vezes se esquece que não faz bem aquilo que sabe fazer, ou que devia saber fazer e depois ainda nos vamos preocupar com o adversário. (Treinador 2)

Eu acho que depende do grau competitivo (...) Nos benjamins, o grau competitivo é importante, o jogador que temos, o clube onde estamos, o jogo que estamos, tudo isso são questões, mas o passar pela experiência, obriga a que sejas cada vez melhor, obriga a criar a uma evolução em ti mesmo, fui treinador do sporting e nessas situações, modificar o jogador que tem o comportamento, naturalmente que não era num jogo contra o Benfica que o ia fazer, mas essa era uma questão importante... (Treinador 6)

A última questão da entrevista tinha como propósito perceber o que é necessário para que o treino possa potenciar o aparecimento/crescimento dos especialistas em bolas paradas. Os treinadores indicaram duas características, a necessidade de maior volume de treino destes lances específicos, que já tinham referido anteriormente e também o treino individual que é necessário promover. Todos salientaram e destacaram a noção de talento, como sendo algo pouco treinável, pois é genético, mas que depois é necessário trabalhar. Esta definição de talento é algo que tem sido alvo de muitos estudos (Bohme, 2000; Cerqueira, 2010), que se encontra amplamente divulgada, mas que continua a ser um desafio para os treinadores.

“Os especialistas no fundo não se ensinam. Os especialistas, no fundo limam-se e aperfeiçoam-se.” (Treinador 1)

“Eu concordo que de facto esses lances devem ser batidos por especialistas, mas eu vou aqui umas aspas entre os especialistas, o que é que estamos a falar, vamos formata-lo num laboratório?” (Treinador 5)

Tem de encontrar os melhores jogadores em pontos cada vez mais específicos e idades cada vez mais baixas, o que aumenta o grau de erro, sem dúvida e isso são coisas que nos conseguem ajudar. O especialista é aquele que põe o pé na bola, que bate forte, que consegue enrolar, que consegue por a bola no primeiro e no segundo, que consegue facilmente bater, e isso são características que conseguimos observar a olho nu... (Treinador 6)

Relativamente ao maior volume e tal como foi referido anteriormente, os treinadores sentem a necessidade de maior volume de treino destes lances, no futebol jovem, para que possam ter jogadores mais competentes no futebol profissional, de modo a poderem também introduzir mais e diferentes nuances estratégicas.

“Treinar mais. Treina-se muito pouco, eu não sou apologista de treinar-se a técnica individual pela técnica individual, somente como um fim. Mas treina-se muito pouco isso face a outras modalidades.” (Treinador 2)

“O especialista torna-se através da repetição, como estávamos a dizer, da prática, da experiência das situações e eu acho que em muitos momentos podemos criar especialistas.” (Treinador 6)

O treino individual e a sua aplicação nas bolas paradas foi indicado pelo facto de algumas bolas paradas poderem ser treinadas de forma individual, permitindo uma maior repetição do gesto e que pode levar a um melhor desempenho dos atletas.

Eu acho que há questões de potenciação individual que estão a ser claramente deixadas para trás e que são depois determinantes no sucesso dos jogadores (...) Porque sem dúvida nenhuma, se há aspeto que é possível melhorar, é o esquema tático do ponto de vista individual (...) até pode, na última instância, por exemplo, estar a bater livres laterais, coisa que é raro, que é ver um gajo a bater livres laterais no final do treino. (Treinador 2)

“Esse tipo de jogadores, se calhar com trabalho individualizado...” (Treinador 4)

REFLEXÕES FINAIS

Como conclusão do trabalho efetuado aferiu-se que os treinadores de futebol profissional indicam que no futebol jovem o treino das bolas paradas deve apresentar características diferentes do futebol profissional, devendo ser mais direcionado para a aprendizagem dos princípios de jogo e através de exercícios mais simples. Os exercícios podem ser analíticos ou jogados, mas é importante que se promovam movimentos simples mas que sejam repetidos muitas vezes. Devem-se treinar as duas fases do jogo, no entanto a fase ofensiva pode ter mais relevância. O lado estratégico das bolas paradas no futebol jovem deve ser introduzido, mas só a partir dos 14/15 anos e em equipas com mais qualidade e em campeonatos mais competitivos. Para potenciar o aparecimento de especialistas, é necessário jogadores com talento, que depois vão melhorando através do maior tempo de treino.

Referências

- Araújo, L., Cruz, J. F., & Almeida, L. (2010). A entrevista no estudo da Excelência: uma proposta. *Psicologica, 1*(52), 253-279.
- Armata, V., & Pollard, R. (2012). Home advantage in Greek football. *European Journal of Sport Science, 1*-7. doi: 10.1080/17461391.2012.736537

- Baranda, P. S., & Lopez-Riquelme, D. (2012). Analysis of corner kicks in relation to match status in the 2006 World Cup. *European Journal of Sport Science*, 12(2), 121-129. DOI: 10.1080/17461391.2010.551418.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo* (5ª Ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bessa, P. (2009). *A Singularidade dos lances de bola parada – A sua importância no Futebol Moderno* (Monografia de Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto).
- Bessa, P. (2010). *Posicionamento Defensivo em Lances de Bola Parada no Futebol de Alto Nível. Análise comparativa entre defesa à zona e a defesa individual e mista em jogos da Liga dos Campeões Europeus e Campeonato Inglês, Espanhol e Italiano* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto).
- Bohme, M. T. S. (2000). O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. *Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*, 21(2/3), 4-10.
- Boni, V., & Quaresma, S. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2 (1), 68-80.
- Borrás, D., & Baranda, P. S. (2005). Análisis del corner en función del momento del partido em el mundial de Corea y Japón 2002. *Cultura, Ciencia y Deporte*, 1, 87-93.
- Carling, C., Williams, R., & Reilly, T. (2005). *Handbook of soccer Match Analysis: A systematic approach to improving performance*: Routledge.
- Casanova, M. (2009). *Eficácia defensiva nos lances de bola parada no futebol. Defesa à zona vs defesa individual e mista. Estudo realizado no Campeonato da Europa de 2008*. (Monografia de Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto).
- Castelo, J. (1996). *Futebol – A organização do jogo*. Edição do Autor. Lisboa.
- Castelo, J. (2009). *Futebol – Organização dinâmica do jogo*. Centro de estudos de futebol da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Cerqueira, J. (2010). *Conceptualização do jogador talento no futebol, a perspectiva de diferentes treinadores e o contributo da psicologia para a sua operacionalização*. (Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Desporto de Rio Maior, Rio Maior).
- Cunha, N. (2007). *A importância dos lances de bola parada (livres, cantos e penaltis) no futebol de 11. Análise de situações de finalização com golo na 1ª Liga Portuguesa 2005/06 e no Campeonato do Mundo 2006*. (Monografia de Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto).
- Dunn, L. (2009, November 20). A Quantitative Analysis of Corner Kicks During UEFA Euro 2008, Austria & Switzerland. [web log post]. Retirado de <http://www.thevideoanalyst.com/pdf/cornerkicks.pdf>
- Esteves, L. (2011). *Situações de bola parada no jogo de futebol: As sequências de jogo a partir dos livres laterais no meio campo ofensivo. Estudo no campeonato Europeu de Seniores Masculinos de Futebol com recurso à análise sequencial* (Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira, Funchal).
- Garganta, J. (2002). Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. *Revista Digital Educación Física e Deportes*, 8(45). Retirado de <http://www.efdeportes.com/>
- Gomes, A. R. (2007). Liderança e gestão de equipas desportivas: Desenvolvimento de um guião de entrevistas para treinadores. In J.F. Cruz, J.M. Silvério, A.R. Gomes & C. Duarte (Eds.), *Actas da conferência internacional de psicologia do desporto e exercício* (pp. 100-115). Braga: Universidade do Minho.
- Grant, A. (2000). Ten key characteristics of successful team performance. *Insight*, 4(3), 26-27.
- Grant, A., & Williams, M. (1998). Analysis of corner kicks. *Insight*, 1(3), 25-26.
- Herraez, B. (2003). Aspectos teóricos-práticos del entrenamiento de las acciones a balón parado en el fútbol. *Revista Digital Educación Física e Deportes - 9(59)*. Retirado de <http://www.efdeportes.com/>
- Melo, V. P., Paoli, P., & Silva, C. (2007). O desenvolvimento do processo de treinamento das ações táticas ofensivas no futebol na categoria infantil. *Revista Digital Educación Física e Deportes*, 11. Retirado de <http://www.efdeportes.com/>
- Munroe-Chandler, K. (2005). A discussion on qualitative research on physical activity. *Athletic Insight - The online Journal of Sport Psychology*, 7(1), 67-81.
- Olabuénaga, J. (2003). *Metodología de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.

- Oliveira, R. (2013). Futebol de formação: Um abismo metodológico...O "treino da tática" e o "treino tático"... o "ensinar" e o "ajudar a aprender" o jogo. *Revista Digital Educación Física e Deportes*, 17. Retirado de <http://www.efdeportes.com/>
- Pereira, & Leitão, J. (2007). *Metodologia de investigação em educação física e desporto - Introdução à metodologia qualitativa*. Vila Real: Sector Editorial dos SDE - UTAD.
- Pereira, F., Mesquita, I., & Graça, A. (2009). A autonomia e a responsabilização dos praticantes no treino em Voleibol. Estudo comparativo de treinadores em função do género. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 9(1), 64-78.
- Praça, G., Abras, D., & Abreu, C. (2012). Como organizar o treinamento? Revisão sobre as influências que modelos de treinamento podem ter no conhecimento tático de atletas de futsal e futebol. *Revista Digital Educación Física e Deportes*, 17. Retirado de <http://www.efdeportes.com/>
- Santos, P., Castelo, J., & Silva, P. (2011). O processo de planeamento e periodização do treino em futebol nos clubes da principal liga portuguesa profissional de futebol na época 2004/2005. *Revista brasileira de educação física e esporte*, 25(3), 455-472.
- Sarmento, H. (2012). *Análise do jogo de futebol – Padrões de jogo ofensivo em equipas de alto rendimento: uma abordagem qualitativa*. (Tese de doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real).
- Silva, P. (2006). *A análise do jogo em futebol*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa).
- Silva, P., Castelo, J., & Santos, P. (2011). Caracterização do processo de análise do jogo em clubes da 1ª liga portuguesa profissional de futebol na época 2005/2006. *Revista brasileira de educação física e esporte*, 25(3), 441-453.
- Vala, J. (2007). Análise de conteúdo. In Santos Silva A. & Madureira Pinto J. (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento (14ª Edição).
- Ventura, N. (2011). *A influência do scouting na preparação do microciclo no treino de futebol - Um estudo centrado no pensamento do treinador*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa).